

Eu não existo

Fabiana Vanessa Gonzalis

Pouco conhecido no Brasil, *El amigo Manso* (1882) é um dos vinte e um romances espanhóis classificados como modernos, de Benito Pérez Galdós (1843-1920). Este bloco de romances, apesar de independentes entre si, forma uma grande comédia humana chegando a repetir-se em uns as personagens de outros. Mais conhecidos e populares, deram ao seu autor o título de maior romancista da Espanha moderna. Todos são dedicados à pintura da vida madrilena, e cada qual é superior aos outros por determinadas características. *El amigo Manso* pode ser superior, por exemplo, em dois aspectos: na pintura irônica do fracasso de um intelectual, em meio a uma sociedade materialista, e também na criação da personagem autônoma. O trecho escolhido para a tradução refere-se ao segundo aspecto. Trata-se do primeiro capítulo do romance, que desempenha papel fundamental para a construção de um dos principais efeitos de sentido do texto, porque apresenta um simulacro da enunciação: os cinco parágrafos que o compõem apresentam as características que conformam o enunciador ao mesmo tempo em que criam seu enunciatório, seu espaço/contexto de enunciação e também explicam o próprio processo enunciativo. A presença de todas as instâncias enunciativas (autor concreto e abstrato, autor implícito, narrador, ator, narratário, leitor ideal, leitor implícito, leitor abstrato e concreto) reafirmam a

GONZALIS, Fabiana Vanessa. *Eu não existo.*

concepção de Romance Realista de Pérez Galdós. Em seu célebre discurso na Real Academia Española, em 1897, o romancista confessa inspirar-se na sociedade para retirar dela material necessário para ser romanceado. O público (como humanidade) é, para ele, o autor inicial dos livros, uma vez que inspira os artistas, fornecendo-lhes paixões, caracteres e linguagem. Também juiz, o público vai procurar na obra de arte o resultado de sua imagem composta pelos elementos por ele oferecidos aliados aos materiais artísticos, ou seja, julgará a matéria transmutada pelas mãos do artista. Temos assim duas belas páginas literárias de um realista que proclama a consistência do ser fictício como é: produto de ficção. A personagem protagonista, ao mesmo tempo narradora, cede sua biografia a um amigo romancista, e pelas mágicas mãos deste amigo, atravessa um processo doloroso de transformação e se converte em um homem de identidade completa: Máximo Manso, asturiano, 35 anos, doutor em duas Faculdades, professor de filosofia em Madrid. Suas peripécias formam um dos mais interessantes romances de Benito Pérez Galdós. (1)

“EU NÃO EXISTO”

Eu não existo... e se por acaso algum desconfiado, persistente ou malicioso não acreditasse no que tão naturalmente digo, ou exigisse algo como juramento para acreditar nisso, juro e perjuro que não existo; e ao mesmo tempo protesto contra toda inclinação ou tendência a me supor investido dos inequívocos atributos da existência real. Declaro que nem sequer sou o retrato de alguém, e prometo que se algum destes investigadores atuais se meter a procurar semelhanças entre meu eu sem carne nem ossos e qualquer indivíduo susceptível de ser submetido a um ensaio de vivissecção, hei de sair em defesa de meus foros de mito, provando com testemunhas, trazidas de onde me convenha, que não sou, nem fui, nem serei nunca ninguém.

"Sou" dizendo em linguagem obscura para que entendam melhor – uma condenação artística, diabólica confecção do pensamento humano (*ximia Dei*), o qual, se percebe algo de estilo entre seus dedos, se põe a imitar com ele as obras que Deus tem feito no mundo físico com a matéria; sou um exemplar novo destas falsificações do homem que desde que o mundo é mundo andam por aí vendidas por tabela por aqueles que eu chamo folgados, faltando a todo dever filial, e que o bondoso vulgo denomina artistas, poetas ou coisa assim. Quimera sou, sonho de sonho e sombra de sombra, suspeita de uma possibilidade; e recriando-me em meu não ser, vendo transcorrer bobamente o tempo infinito cujo tédio, por ser tão grande, chega a converter-se em entretenimento, pergunto-me se o não ser equivale a ser todos, e se minha falta de atributos pessoais equivale à posse dos atributos do ser. Isso é coisa que não consegui aclarar ainda, nem queira Deus que o faça, para que não se desvaneça a ilusão de orgulho que sempre mitiga o frio aborrecimento destes espaços da idéia.

Aqui, senhores, onde mora tudo o que não existe, há também vaidades, pasmem, há classes, e cada intriga...! Temos antagonismos tradicionais, privilégios, rebeldias, parasitismos e pronunciamentos. Como eu, muitas entidades que aqui estão poderiam dizer, se vivessem, que vivem por milagre. E com grande rapidez saio destes labirintos e me meto pela clara vereda da linguagem comum para explicar por que motivo não tendo voz falo, e não tendo mãos traço estas linhas, que chegarão, se há cristão que as leia, a compor um livro. Vejam-me com aparência humana. É que alguém me evoca, e por não sei que sutis artes me põe um forro corporal e faz de mim um arremedo ou mais -cara de pessoa vivente, com todas suas habilidades e movimentos. Quem me tira da rotina e me leva a estes maus passos é um amigo...

Ordem, ordem na narração. Eu tenho um amigo que incorreu por seus pecados, que devem ser tantos em número como as

GONZALIS, Fabiana Vanessa. *Eu não existo.*

areias do mar, na pena infamante de escrever romances, assim como outros cumprem a pena ou maldição divina, lendo-os. Este tal veio a mim há poucos dias, falou-me de seus trabalhos, e como me dissesse que tinha escrito já trinta volumes, tive dele tanta pena que não pude mostrar-me insensível a suas acaloradas instâncias. Reincidente no feio delito de escrever, pedia minha cumplicidade para acrescentar um volume aos trinta desafosos sabidos de antemão. Disse-me aquele bom presidiário, aquele inocente empedernido, que estava tomado de carinho pela idéia de perpetrar um minucioso crime romanesco, sobre o grande assunto da educação; que tinha premeditado seu plano, mas que, faltando-lhe dados para levá-lo adiante com a presteza manhosa que coloca em todas as suas confecções, tinha pensado postergar esta obra para acometê-la com brio quando estivessem em suas mãos as armas, ferramentas, escalas, gazuas, troquéis e demais preciosos objetos pertinentes ao caso. Enquanto isso, não gostando de estar sem fazer nada, queria empreender um trabalhinho de pouco esforço, e sabedor de que eu possuía um agradável e fácil assunto, vinha comprá-lo, oferecendo-me por ele quatro dúzias de gêneros literários, pagáveis em quatro prestações; uma fâne-ga de idéias passadas, admiravelmente dispostas em camadas e que serviam para tudo; dez azumbres de licor sentimental, enca-beçado para resistir bem à exportação e, por último, uma grande partida de frases e fórmulas feitas em molde e bem recortadinhos, com mais de uma redoma de seiva para emplastros, encaixes, combinações, conexões e armações. Não me pareceu mau trato, e aceitei.

Não sei que garranchos traçou aquele perverso sem fel diante de mim; não sei que diaburas feiticeiras fez... Acredito que me enfiou em uma gota de tinta; que pôs fogo em um papel; que depois fogo, tinta e eu fomos metidos e bem chacoalhados em uma redominha que cheirava detestavelmente a peixe, enxofre e outras drogas infernais... Pouco depois saí de uma labareda ver-

melha, convertido em carne mortal. A dor me disse que eu era um homem.

"YO NO EXISTO": EL AMIGO MANSO

Yo no existo... Y por si algún desconfiado, terco o maliciosillo no creyese lo que tan llanamente digo, o exigiese algo de juramento para creerlo, juro y perjuro que no existo; y al mismo tiempo protesto contra toda inclinación o tendencia a suponerme investido de los inequívocos atributos de la existencia real. Declaro que ni siquiera soy el retrato de alguien, y prometo que si alguno de estos profundizadores del día se mete a buscar semejanzas entre mi yo sin carne ni hueso y cualquier individuo susceptible de ser sometido a un ensayo de vivisección, he de salir a la defensa de mis fuyeros de mito, probando con testigos, traídos de donde me convenga, que no soy, ni he sido, ni seré nunca nadie.

Soy (diciéndolo en lenguaje oscuro para que lo entiendan mejor) una condensación artística, diabólica hechura del pensamiento humano (*ximia Dei*), el cual, si coge entre sus dedos algo de estilo, se pone a imitar con él las obras que con la materia ha hecho Dios en el mundo físico; soy un ejemplar nuevo de estas falsificaciones del hombre que desde que el mundo es mundo andan por ahí vendidas en tabla por aquellos que yo llamo holgazanes, faltando a todo deber filial, y que el bondadoso vulgo denomina artistas, poetas o cosa así. Quimera soy, sueño de sueño y sombra de sombra, sospecha de una posibilidad; y recreándome en mi no ser, viendo transcurrir tontamente el tiempo infinito, cuyo fastidio, por serlo tan grande, llega a convertirse en entretenimiento, me pregunto si el no ser nadie equivale a ser todos, y si mi falta de atributos personales equivale a la posesión de los atributos del ser. Cosa es ésta que no he logrado poner en claro todavía, ni quiera Dios que la ponga, para que no se

GONZALIS, Fabiana Vanessa. *Eu não existo.*

desvanezca la ilusión de orgullo que siempre mitiga el frío aburrimiento de estos espacios de la idea.

Aquí, señores, donde mora todo lo que no existe, hay también vanidades, ¡pasmaos!, hay clases, ¡y cada intriga...! Tenemos antagonismos tradicionales, privilegios, rebeldías, sopa boba y pronunciamientos. Muchas entidades que aquí estamos podríamos decir, si viviéramos, que vivimos de milagro. Y a escape me salgo de estos laberintos y me meto por la clara senda del lenguaje común para explicar por qué motivo no teniendo voz hablo, y no teniendo manos trazo estas líneas, que llegarán, si hay cristiano que las lea, a componer un libro. Vedme con apariencia humana. Es que alguien me evoca, y por no sé qué sútiles artes me pone como un forro corporal y hace de mí un remedio o máscara de persona viviente, con todas las trazas y movimientos de ella. El que me saca de mis casillas y me lleva a estos malos andares es un amigo...

Orden, orden en la narración. Tengo yo un amigo que ha incurrido por sus pecados, que deben de ser tantos en número como las arenas de la mar, en la pena infamante de escribir novelas, así como otros cumplen, leyéndolas, la condena o maldición divina. Este tal vino a mí hace pocos días, hablóme de sus trabajos, y como me dijera que había escrito ya treinta volúmenes, tuve de él tanta lástima que no pude mostrarme insensible a sus acaloradas instancias. Reincidente en el feo delito de escribir, me pedía mi complicidad para añadir un volumen a los treinta desafueros consabidos. Díjome aquel buen presidiario, aquel inocente empedernido, que estaba encariñado con la idea de perpetrar un detenido crimen novelesco, sobre el gran asunto de la educación; que había premeditado su plan, pero que faltándole datos para llevarlo adelante con la presteza mañosa que pone en todas sus fechorías, había pensado aplazar esta obra para acometerla con brío cuando estuvieran en su mano las armas, herramientas, escalas, ganzúas, troqueles y demás preciosos objetos pertinentes al caso. Entre tanto, no gustando de estar mano sobre mano, quería

emprender un trabajillo de poco aliento, y sabedor de que yo poseía un agradable y fácil asunto, venía a comprármelo, ofreciéndome por él cuatro docenas de géneros literarios, pagaderas en cuatro plazos; una fanega de ideas pasadas, admiravelmente puestas en lechos y que servían para todo; diez azumbres de licor sentimental, encabezado para resistir bien la exportación, y, por último, una gran partida de frases y fórmulas, hechas a molde y bien recortaditas, con más una redoma de mucílago para pegotes, acopladuras, compaginazgos, empalmes y armazones. No me pareció mal trato, y acepté.

No sé qué garabatos trazó aquel perverso sin hiel delante de mí; no sé qué diabluras hechiceras hizo... Creo que me zambulló en una gota de tinta; que dió fuego a un papel; que después fuego, tinta y yo fuimos metidos y bien meneados en una redomita que olía detestablemente a pez, azufre y otras drogas infernales... Poco después salí de una llamarada roja, convertido en carne mortal. El dolor me dijo que yo era un hombre.

GALDÓS, B.P. *El Amigo Manso*. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1941, t 4, p. 1172-4.

NOTAS:

- 1 Um trabalho comparativo entre Benito Pérez Galdós e Machado de Assis foi realizado em minha dissertação de mestrado “A protagonista feminina em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *El amigo Manso*”, defendida em fevereiro de 1999 na UNESP – São José do Rio Preto- SP.
- 2 texto original: GALDÓS, B.P. *El amigo Manso*. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1941, t 4, p. 1172-4.
- 3 Doutoranda em Letras pela UNESP- São José do Rio Preto – SP. (email: fabianavanessa@directnet.com.br)